

O VERBAL E O NÃO-VERBAL, O DITO PELO NÃO DITO: A PALAVRA E SUA(S) SIGNIFICAÇÃO(ÕES) NO JORNAL CARIOCA MEIA HORA DE NOTÍCIAS

Jefferson Evaristo do N. Silva (UERJ)

Fábio André C. Coelho (UERJ)

Resumo: Os jornais populares são, em sua maioria, permeados de notícias ambíguas e exploradas de forma a criar no leitor uma sensação de proximidade entre a sua realidade “popular” e as notícias apresentadas. Em razão disso, o gênero textual *capa de jornal* apresenta-se como uma junção de elementos verbais e não-verbais (em outras palavras, elementos semióticos), explícitos e implícitos, que concorrem para a construção da significação do discurso jornalístico. Este artigo, portanto, pretende analisar capas de um jornal popular do Rio de Janeiro e indicar um dentre os múltiplos caminhos de utilização da semiótica e da semântica no ensino de língua portuguesa, a partir de sua aplicação, tendo como base o gênero textual capa de jornal em uma turma de pré-vestibular. Trataremos de alguns recursos estilístico-argumentativos, como a ambiguidade, a polissemia, a tautologia e a ironia, além da intertextualidade e da inferência. É necessário apontar que as formas de significação presentes nos textos são, portanto, mais múltiplas e contextualizadas do que uma primeira leitura superficial pode sugerir – não nos bastará buscar sentido apenas nas palavras por si só. Elementos semióticos compõem as capas de jornais (imagens, textos, posição textual e coloração, dentre outros) e não se pode entender que a utilização, desses componentes, não seja intencional e planejada. Sendo assim, nossa pretensão é demonstrar a utilização deste gênero em sala de aula como recurso didático para a abordagem dos referidos recursos estilístico-argumentativos/semântico-semióticos. Para tanto, foram selecionadas algumas capas do Jornal Meia Hora de Notícias, no período compreendido entre Janeiro e Abril de 2015.

Palavras-chave: Capa de jornal; Gêneros textuais; Semântica; Semiótica; Ensino.

Riassunto: I giornali popolari sono, nella maggioranza, ripieni di notizie ambigue e di doppio senso, costruite in maniera a creare nel lettore

una sensazione di avvicinanza tra la sua realtà “popolare” e le notizie rappresentate. Per questo, il genere testuale “copertina di giornale” dimostrasí come un insieme di elementi verbali e non verbali (in altre parole, elementi semiotici) implicí e espliciti, che concorrono per la costruzione del senso del discorso giornalistico. Questo lavoro, infine, pretende analizzare copertine de in giornale popolare di Rio de Janeiro e indicare uno fra le diversi cammini di utilizzazione della semiotica e della semantica nell’insegnamento di lingua portoghese, partendo dalla sua applicazione in attività che sono basate sul genere testuale copertina di giornale in una classe di preparazione per l’ingresso all’università. Tratteremo di alcuni risorse stilistici-argumentativi come l’ambiguità, la polissemia, la tautologia e l’ironia, oltre l’intertestualità e l’inferenza. È necessario indicare che le forme di significazione presenti nei testi sono, infatti, più molteplice e contestualizzate di che una prima lettura può sugerire – non ci basterà cercare il senso appena nelle parole isolate. Elementi semiologici compongono le copertine dei giornali (immagini, testi, posizione testuali e colore, fra altri) e non si può comprendere che l’utilizzazione di questi elementi non sia intenzionale e pianificato. Pertanto, nostra pretensione è dimostrare l’utilizzo di questo genere in classe come risorse didattico per l’approccio delle suddette risorse stilistiche-argumentative semantiche e semiotice. Pertanto, furono selezionate alcune copertine del giornale Meia Hora de Noticias nel periodo compreso tra Gennaio ed Aprile 2015.

Parole-chiave: Copertine giornale; Generi testuali; Semantica; Semiotica; Insegnamento.

INTRODUÇÃO

Os jornais populares são, em sua maioria, permeados de notícias ambíguas e de duplo sentido, que são exploradas de forma a criar no leitor uma sensação de aproximação entre a sua realidade “popular” e as notícias apresentadas (CAMPOS, 2013). Possuem uma intenção imediata de serem “reais” para o público que os lê, de forma a interagir com

mais proximidade com seus leitores, em geral pertencentes a uma camada social mais baixa (as assim chamadas classes C e D).

Essa aproximação com os leitores se efetiva de diversas formas: linguagem mais coloquial, ironia, aspectos da oralidade, frases de efeito e senso comum (CAMPOS, 2012; 2013), dentre outros, de forma a se tornar uma linguagem “apropriada” a seus leitores – ainda que, “inapropriada” para os padrões de um jornal – do qual se espera, ao menos a princípio, uma adequação à norma culta gramatical.

Dessa maneira, partindo de um jornal popular, o gênero textual “capa de jornal” apresenta-se neste caso como uma junção de elementos verbais e não-verbais (em outras palavras, elementos semióticos), explícitos e implícitos, que concorrem para a construção da significação do discurso jornalístico (VALENTE, 2001). Valem-se ainda de diferentes recursos estilístico-argumentativos, como a ambiguidade, a polissemia, a tautologia e a ironia, além da intertextualidade e da inferência (HENRIQUES, 2011). As formas de significação presentes são, portanto, mais múltiplas e contextualizadas do que uma primeira leitura superficial pode sugerir – não nos bastará buscar sentido apenas nas palavras por si só.

Consideramo-las então um gênero textual polissêmico e (multi)semiótico, que oferece variadas perspectivas de utilização da língua e de construção de sentidos, o que motiva a sua utilização em sala de aula. Ao mesmo tempo em que muitos trabalhos têm sido feitos discutindo a importância da semiótica para o ensino de língua portuguesa, oferecendo-lhe subsídios e indicações de possibilidades de uso (SIMÕES, 2011; SIMÕES, FREITAS e POLTRONIERI 2011, 2012), encontramos um eco das referidas discussões nesse corpus.

No Rio de Janeiro, um dos principais jornais populares em circulação é o Meia Hora de Notícias, caracterizado pela sua rápida leitura (daí a escolha de seu nome), preço acessível (para atingir as classes C e D) e (re)conhecido pelas suas capas (quase) sempre ambíguas, polissêmicas, irônicas e bastante significativas.

Esse trabalho, portanto, pretende indicar um dentre os múltiplos caminhos de utilização da semiótica e da semântica no ensino de língua portuguesa, a partir de sua aplicação em atividades tendo como base o gênero textual capa de jornal em uma turma de pré-vestibular do Rio de Janeiro. Considerando, portanto, os variados elementos semióticos que compõem uma capa de jornal (imagens, textos, posição textual e coloração, dentre outros¹) e partindo do pressuposto

1 Pela extensão deste trabalho, não serão abordados todos os componentes mencionados.

de que eles são intencionais e planejados, pretendemos demonstrar a utilização desse gênero em sala de aula como recurso didático para a abordagem dos referidos recursos estilístico-argumentativos. Para tanto, foram selecionadas algumas capas do Jornal Meia Hora de notícias no período compreendido entre Janeiro e Abril de 2015².

GÊNERO TEXTUAL, LÍNGUA, ENUNCIADORES E COENUNCIADORES

As discussões acerca do que vem a ser um gênero textual já foram travadas por diversos autores, com suas sucessivas críticas, aceitações, ampliações e restrições³. “É de impressionar a quantidade de livros, coletâneas, números temáticos de revistas e teses que surgiram nesses últimos anos em torno da questão dos gêneros textuais e de seu ‘ensino’ no Brasil” (MARCUSCHI, 2008, p.146). Aqui, entenderemos o gênero textual a partir, principalmente, das perspectivas de Maingueneau (2002) e de Marcuschi (2008). Embora não seja o primeiro autor nem o mais “tradicional” a tratar do fenômeno, a abordagem que Maingueneau faz

2 Como as atividades em sala de aula ocorreram em 2015, optamos por utilizar as capas de jornal do período, para manter a fidelidade ao trabalho original realizado.

3 Consideramos desnecessário indicar obras que tratem o assunto por dois motivos: (i) a quantidade de obras a respeito; (ii) a multiplicidade teórica de abordagem dos gêneros, o que invariavelmente nos levaria a desconsiderar, por ignorância, alguma dessas abordagens. De qualquer forma, em Marcuschi (2008, p. 146) já há uma indicação introdutória de obras. O autor indica ainda, ao menos, oito abordagens teóricas distintas para o trabalho com os gêneros (2008, p.152-153).

sobre gêneros nos parece adequada para o tratamento desse corpus. Da mesma maneira, Marcuschi apresenta uma sólida definição do conceito, sistematizada em uma obra de referência para o assunto. Portanto, embora conhecedores de outras definições e autores, optamos por nos basear especialmente nos dois autores mencionados.

Maingueneau vai dizer que “todo texto pertence a uma categoria de discurso, a um gênero de discurso”⁴ (2002, p.59) e que “tais categorias correspondem às necessidades da vida cotidiana” (2002, p.59). Ou seja, a partir do autor temos a conceituação dos gêneros textuais/discursivos como sendo uma espécie de reflexo da vida cotidiana, sendo as demandas comunicativas da sociedade os fatores que estabelecerão os gêneros textuais que pertencem (ou não) a ela. Já para Marcuschi (2008, p.155), os gêneros são “textos materializados em situações comunicativas recorrentes”. Prossegue o autor afirmando que

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2008, p.155)

4 Não fazemos diferença entre “gêneros discursivos” e “gêneros textuais”

Os gêneros vão ser ainda conceituados como os “dispositivos de comunicação” (MAINGUENEAU, 2002, p.61) de que uma sociedade dispõe, sendo ela também definida, de certa maneira, pelos gêneros textuais que nela circulam e que nela se utiliza para comunicar. Bakhtin (2011) já levantava muitas dessas discussões e expunha como os gêneros eram em parte criadores da própria sociedade, definindo-a e modelando-a.

Pensar em gêneros textuais, portanto, será pensar em mecanismos de comunicação, ferramentas segundo as quais é possível “depreender” a linguagem e o uso da língua, sempre dentro de um recorte social e histórico que o significa, delimita, define e modela.

Assim, a análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral. O trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano. (MARCUSCHI, 2008, p.147)

Portanto, inseridos em uma perspectiva de análise dos gêneros de maneira mais ampla, uma vez que ela é “um empreendimento cada vez mais multidisciplinar” (MARCUSCHI, 2008, p.147) e partindo tanto da Análise do Discurso exposta por Maingueneau (2002) e das leituras

de Marcuschi (2008) – considerando ainda o pioneirismo das proposições de Bakhtin (2011) –, assumimos uma abordagem multidisciplinar para o gênero, ampliada, que possa englobar não apenas os elementos textuais em si, mas as suas condições de produção, a sociedade e o meio em que circulam, as intencionalidades e demais elementos que, juntos, permitem que a linguagem – e a língua portuguesa, a priori – signifiquem. Assumimos ainda a perspectiva de que a linguagem é “corporificada” (MARCUSCHI, 2008, p.151) nos gêneros textuais, sendo estes, em última análise, os elementos visíveis de observação e pesquisa, posto que “todas as atividades humanas estão relacionadas ao uso da língua. [...] E com essa posição teórica chegamos à união do gênero ao seu envolvimento social” (MARCUSCHI, 2008, p.155).

Assim, a partir da base teórica de Maingueneau que assumimos, entendemos que toda a linguagem tem seus sentidos construídos não previamente, mas sim pelos próprios envolvidos na comunicação, pelos seus participantes: o enunciador – aquele que enuncia – e um seu “outro”, o coenunciador (MAINGUENEAU, 2002) – aquele que estabelece uma ação de diálogo com o enunciador. Ao mesmo tempo, pelas considerações de Marcuschi, percebemos como os gêneros são basilares da comunicação

e do agir humanos, sendo eles estritamente relacionados à sociedade e ao seu tempo histórico específico.

Na posição que assumimos, o jornal se configura como o enunciador das mensagens, ainda que possua um autor “real”, humano, que o escreve, tendo como coenunciador os seus leitores presumidos. Na condição de coenunciador, os leitores também se caracterizam como um “segundo eu”, que enuncia e constrói os sentidos, não apenas adotando-os e aceitando-os, mas interferindo neles. Ao mesmo tempo, o jornal expressa uma posição social e histórica, atrelada diretamente à vida social dos indivíduos. É o que explica, por exemplo, os efeitos que o jornal consegue com seus leitores de aproximação, familiaridade e “pertença”. Uma vez que consideramos o jornal – com nossas análises centradas em suas capas – um gênero textual próprio e entendemos sua relação intrínseca com a sociedade em que circula, definimos o *corpus* de nossa pesquisa. “Não se pode tratar o gênero de discurso independentemente de sua realidade social e de sua relação com as atividades humanas” (MARCUSCHI, 2008, p.155).

O SENTIDO DAS PALAVRAS/EXPRESSÕES EM FOCO

Como vimos na seção anterior, os gêneros textuais são importantes manifestações linguísticas da sociedade,

servindo como intermediários para as práticas sociais – as atividades humanas de que nos fala Marcuschi (2008, p.155). Entendê-los e reconhecê-los é identificar como, de fato, mediamos as nossas interações através dos gêneros textuais/discursivos, sejam eles orais, escritos, verbais ou não verbais.

Para que a linguagem seja efetivamente significativa, é necessário entendê-la de forma ainda mais complexa do que na “simples leitura” das palavras. É preciso identificar, a partir da materialidade linguística, quais efeitos de sentido são possíveis em cada enunciado em particular, sempre entendidos dentro de um contexto singular – como dissemos, o sentido de cada enunciado só pode ser plenamente compreendido dentro de sua cena enunciativa, de seu momento de produção – e realizada em conjunto com um coenunciador. Sendo assim, o sentido das palavras/expressões

não fica, porém, restrito apenas aos itens léxicos. Nenhum assunto é uma ilha, As conexões dependem de nosso conhecimento de mundo e de nossos estudos da linguagem humana. A significação está na gramática e na vida. Está na gramática da vida (se me permitem experimentar e propor outras conexões). (HENRIQUES, 2011, p.xv)

Nada diferente do que defendemos nesse trabalho e que explicitamos por nossos exemplos. Pensar o sentido das palavras e expressões – a sua semântica – envolve operações que estão para além daquelas “teórico-gramaticais” – compreende estas, mas envolve também outras, como conhecimento de mundo, capacidade de inferência, reconhecimento dos mecanismos de significação e conectividade, para citar apenas alguns. “É multiplicidade, duplicidade, univocidade” (HENRIQUES, 2011, p.86) e outros a mais. De fato, é uma operação complexa, que envolve muitas variáveis na realização de uma “única”⁵ operação: a significação. Nos casos analisados, demonstraremos que, “além de descrever relações de sentido entre palavras, servem com frequência para reconhecer relações de sentido entre construções gramaticais ou mesmo efeitos de sentido originados no contexto” (ILARI e GERALDI, 2005, p.41).

Defendemos, portanto, que as escolhas lexicais empregadas nos gêneros textuais capas de jornal não são feitas de forma aleatória e sem um maior cuidado: acontece, efetivamente, o contrário. Elas aparentam ser cuidadosamente pensadas e planejadas, de forma a atingir o público-alvo do jornal e causar nele o(s) efeito(s) que deseja –

5 Como vimos, dentro da ideia uma de “significar” podemos encontrar diferentes possibilidades de significação.

tudo isso dentro de um contexto específico. “É preciso avaliar todos os fatores envolvidos no processo de comunicação” (HENRIQUES, 2011, p.81) e escolher com atenção as palavras utilizadas em cada caso.

Isso nos leva a entender que, apesar do que expusemos no início sobre a suposta “superficialidade” linguística do jornal Meia Hora, há um efetivo cuidado com a linguagem sendo empregado. Se não, aparentemente, um cuidado no que se refere à formalidade e à norma culta da língua, um cuidado com a sua semântica, com a(s) sua(s) significação(ões).

Para o entendimento das análises que faremos na sessão a seguir, é necessário que antes exponhamos alguns conceitos operacionais que serão abordados, de forma a identificar algumas de nossas percepções acerca das capas de jornal. Como já afirmado, as análises aqui expostas foram realizadas em atividades de ensino de Língua Portuguesa em uma turma de pré-vestibular no Rio de Janeiro, no ano de 2015. No contexto em que as atividades foram propostas, os conceitos que indicaremos a seguir são relevantes, uma vez que constam na lista de “conteúdos” a serem trabalhados com os alunos, relacionados à semântica da língua.

HOMONÍMIA

“Homônímia é a identidade fônica ou a identidade gráfica de dois morfemas que não tem o mesmo sentido, de um modo geral” (DUBOIS, 1973, p.326).

Algumas palavras, ortográfica e/ou fonologicamente iguais, podem apresentar significações diferentes de acordo com o seu contexto de uso. Seu significante, embora sendo o mesmo, apresenta mais de uma possibilidade de significado, do que decorre a sua dupla interpretação, resultando em uma (multi)semiose que pode ser explorada para a construção dos recursos estilístico-argumentativos. São as palavras de “significantes iguais com significados diferentes” (VALENTE, 1997, p.192).

Essa aproximação do significante em palavras homônimas pode acontecer a partir da sua pronúncia (de seu aspecto fonológico) ou da sua forma escrita (de seu aspecto ortográfico). Quando ocorre da primeira forma, dizemos que temos palavras homônimas homófonas – como no caso de “cessão”, “seção” e “sessão”. Quando a ocorrência é da segunda forma, dizemos que as palavras são homônimas homógrafas – caso de “mente” (cérebro, intelecto) e “mente” (3º pessoa do singular do verbo mentir). Há ainda a possibilidade de as palavras possuírem a mesma

representação escrita e a mesma pronúncia. Nesse caso, dizemos que elas são homônimos perfeitos (ou ainda, palavras homofonógrafas).

PARONÍMIA

“Chamam-se parônimas as palavras ou sequências de palavras de sentido diferente, mas com a forma relativamente aproximada” (DUBOIS, 1973, p.456).

De maneira próxima ao que ocorre na homonímia, ocorrerá paronímia no seguinte caso: “quando os vocábulos são diferentes, mas sua pronúncia e grafia são semelhantes” (HENRIQUES, 2011, p.85). É o que ocorre, por exemplo, quando confrontamos palavras como absorver e absolver, ratificar e retificar.

POLISSEMIA

“Chama-se polissemia a propriedade do signo linguístico que possui vários sentidos. A unidade linguística [palavra ou expressão] é considerada, então, polissêmica” (DUBOIS, 1973, p.471).

Talvez a polissemia seja o elemento estilístico-argumentativo de maior expressividade para a construção das capas de jornal. Como veremos na parte referente às análises efetuadas, há diversas ocorrências de polissemia nas

capas – em praticamente todas elas é possível identificar uma ocorrência de polissemia. Partindo do princípio de que uma mesma palavra pode apresentar mais de um sentido – mais de uma semiose, portanto –, a polissemia identifica aquelas palavras que, mantendo o mesmo significante, expressam diferentes significados. É, portanto, “a propriedade que a palavra tem de assumir vários significados num contexto” (VALENTE, 1997, p.189).

De fato, a diferenciação entre homonímia e polissemia é complexa. Dubois (1973, p.471-473) traz alguns indícios para a questão a partir da etimologia, da filologia, da significação dicionarizada e até das teorias cognitivas e gerativistas. Ao fim, expõe que, efetivamente, nenhuma delas apresenta argumentos sólidos que podem ser utilizados em todas as línguas. Aqui, concordamos com Valente (1997), que afirma que a diferença está no fato de em um caso termos palavras iguais com significados diferentes em contextos diferentes (homonímia) e em outro termos palavras iguais com significados diferentes em contextos iguais (polissemia). Consideramos ser a maneira mais coerente de diferenciação entre os termos.

Ainda assim, os limites entre a homonímia e a polissemia são muito tênues, ocasionando dúvidas quanto à delimitação

clara de um ou outro fenômeno. Uma vez que a proposta deste trabalho não é a de estabelecer críticas à teoria usual que aqui é apresentada, mas a de exemplificá-las, julgamos desnecessário levantar maiores problematizações sobre o tema. Quer entendamos uma ocorrência como sendo “homonímia”, quer a entendamos como sendo “polissemia”, mais importante do que “classificá-la” é observar como ela concorre para a construção da significação – esse sim um fenômeno importante para nós.

A polissemia, muitas das vezes, é a responsável pela construção de enunciados ambíguos, recurso também explorado nas capas do jornal analisado.

AMBIGUIDADE

“Ambiguidade é a propriedade de certas frases realizadas que apresentam vários sentidos” (DUBOIS, 1973, p.45).

“Se a um enunciado é possível atribuir duas ou mais interpretações, dizemos que ele caracteriza um caso de ambiguidade” (HENRIQUES, 2011, p.87). Aqui, não nos importam aquelas ambiguidades mais tradicionalmente expostas pela gramática, como no caso do pronome “ele” em construções como

- (a) Paulo é pai de João. Ele é meu amigo.

Para nós serão relevantes aquelas ambiguidades construídas a partir de recursos semântico-discursivos, como a polissemia, a homonímia e a paronímia.

Como vimos, a Semântica oferece variadas possibilidades/perspectivas de uso da língua para a construção dos sentidos desejados. No gênero textual em análise, é possível identificar, em maior e menor grau, uma grande variedade dessas possibilidades – inclusive o uso de mais de uma ao mesmo tempo, concorrendo juntas para a construção da significação.

ANÁLISES

Na figura (1), é possível identificar quatro matérias em destaque. Na maior delas, à esquerda, há um cartaz com a inscrição “Mãe obrigado por ter metido”. Junto ao cartaz, a imagem de uma senhora, provavelmente a mãe em questão, com o rosto encoberto por um smile demonstrando surpresa, susto ou algum sentimento correlato. Como desdobramento da imagem, há ainda em destaque a frase “é muito amor envolvido”, seguida da explicação “o domingo foi de muitas festas para as mães. Elas merecem! Teve filho escorregando na homenagem, mas o que vale é a intenção, né?”.

Como exposto na introdução deste capítulo, uma das características mais marcantes dos chamados “jornais

populares” é a sua linguagem informal, na tentativa de aproximação entre o leitor e a matéria, entre o enunciador e o coenunciador (CAMPOS, 2013). O uso da frase interrogativa, a oralidade marcante da palavra “né” e o teor da matéria em si aproximam enunciador e coenunciador, como se quem lê se sentisse incluído na matéria – alguém precisa responder à pergunta feita. Soma-se a isso o fato de haver ainda uma ambiguidade (HENRIQUES, 2011) na frase do cartaz, já que na linguagem popular, o verbo “meter” assume caráter polissêmico (HENRIQUES, 2011; VALENTE, 1997) e tem a mesma significação de transar ou fazer sexo.

Nesse contexto, “ter metido” faz um jogo de palavras com a forma locucional de “ter me tido”, no sentido de “ter dado à luz”. Foneticamente, as duas formas são praticamente idênticas, configurando um caso de homonímia que gera a ambiguidade da notícia e cria o cenário para o entendimento da forma que indica a noção de sexo. De fato, quando entendemos que para alguém nascer, a princípio, é necessário haver uma relação sexual, entendemos mais claramente o uso da frase no contexto do “dia das mães”. Por fim, a frase “é muito amor envolvido” reforça ainda mais a conotação sexual da matéria.

Ainda na figura (1), identificamos mais uma vez o recurso da linguagem coloquial para aproximar o leitor de seu

enunciador. Tais casos se expressam em ocorrências como “o tiro comeu”, “guerra na cara da UPP” e “ficou no 0 x 0”.

Na figura (2), há uma notícia sobre o julgamento do traficante Fernandinho Beira-Mar. Para noticiar que sempre haverá um guarda vigiando o preso em todas as situações, o jornal diz que “Beira-Mar vem ao Rio e vai ter sempre um macho atrás”. Claramente, o que ocorre aqui é uma aproximação irônica e sexualizada com o fato de o traficante ser vigiado e a possibilidade de haver sempre “um macho atrás” dele – um policial. Pelo exposto no texto, podemos de fato entender que, sendo um homem (o policial) que o vigiará, ele é um “macho” (no entendimento biológico do termo). Apenas quando entendemos que há mais do que o exposto textualmente é que identificamos a intenção polissêmica de macho ser visto como “parceiro sexual”. Soma-se ainda uma expressão popular do domínio futebolístico que diz que ele terá “marcação homem a homem” em sua passagem pelo estado. Conhecimento de mundo, contexto, elementos textuais e recursos expressivo-discursivos: todos atuam, em conjunto, para a construção do sentido do texto e só podem ser entendidos a partir da perspectiva de análise do gênero textual como uma construção social e histórica.

Na figura (3), há duas ocorrências do gênero que chamam a atenção. Na primeira, há uma notícia sobre a CPI da Petrobrás, em que aparece uma das mulheres envolvidas e, ao lado, a frase “ela jura que não meteu 200 paus na calcinha”. Em mais um jogo com o sentido das palavras, envolvendo polissemia, ambiguidade e ironia, a matéria associa dois usos populares de “pau”: um como órgão sexual masculino e outro como sinônimo de dinheiro. Expusemos no tópico sobre polissemia justamente a questão: uma mesma palavra sendo utilizada com sentidos diferentes dentro de um mesmo contexto. Ao falar que, num caso de corrupção, uma mulher teria supostamente recebido duzentos mil reais e colocado na calcinha, o jornal cria o cenário para o entendimento conotativo de que ela teria colocado “200 órgãos sexuais masculinos” na calcinha – objeto também associado ao órgão sexual feminino. Na mesma notícia, há ainda outra ocorrência de homonímia com as palavras “propina” (valor recebido da corrupção) e “pro Pina” (para alguém com nome/apelido Pina).

Na outra matéria, apresenta-se um caso em que, por causa de um celular, uma amiga joga óleo quente na outra. São utilizadas as formas “imagina se fosse inimiga” e “doida feriu também a própria filha”. Mais do que apresentar os

fatos, o jornal assume uma posição marcada – chamar uma pessoa de doida – e ainda alude a uma frase popular ao estilo “faz com a amiga, imagina se fosse com a inimiga”. Acrescente-se a isso a intertextualidade de chamar a mulher que jogou o óleo de “Malévola”, em referência ao filme homônimo norte-americano (STROMBERG, 2014) em que a protagonista, uma fada, inicia uma amizade com um homem e, após uma briga, passa a persegui-lo e tentar matá-lo, tornando-se uma bruxa. “Por todas essas observações já podemos afirmar que os gêneros não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas em que predominam os aspectos relativos a funções, propósitos, ações e conteúdos”. (MARCUSCHI, 2008, p.159).

Considerando a organização das capas de jornal (CAMPOS, 2013), explicita-se o quanto os propósitos comunicativos são evidentes em sua construção.

POSSÍVEIS ATIVIDADES – SUGESTÕES

A partir do que vimos nas seções anteriores, há uma gama de significados possíveis no gênero discursivo capa de jornal que o torna um elemento multissemiótico e produtivo para o trabalho em sala de aula. Mais do que a materialidade linguística expressa, há uma junção de elementos que atuam ao mesmo tempo para a construção do sentido (HENRIQUES, 2011; VALENTE, 1997). Fica evidente, portanto, que apenas os

elementos textuais pura e simplesmente não são capazes de apreender as nuances do significado presentes nos excertos.

Muitos autores (ANTUNES, 2014; SILVA, 2012; HAWAD, 2012) apontam, nesse sentido, a necessidade de um ensino de língua portuguesa que não se restrinja a questões puramente gramaticais, mas que possa, de fato, prescindir delas. Entendemos que, apesar das críticas “linguístico-gramaticais” que os jornais populares recebem no que diz respeito a sua adequação à norma culta, eles oferecem uma oportunidade válida para o trabalho com questões da língua portuguesa mais contextuais e intencionais, como aquelas da semântica e dos gêneros textuais expostas anteriormente.

Assim sendo, há diferentes possibilidades de trabalho em turmas escolares regulares, bem como em turmas de preparação para provas de vestibular.

Partindo das análises anteriores, em exemplos como os das figuras (1), (2) e (3), é possível trabalhar o uso de palavras parônimas, homônimas, e polissêmicas, intertextualidade e ironia, de maneira produtiva e contextualizada, em detrimento de apenas uma memorização de pares de palavras, como tradicionalmente os livros escolares pautam o ensino de parônimos e homônimos. Em questões como intencionalidade, construção argumentativa e recursos

estilísticos, temos nesses gêneros um outro exemplo de corpus para o trabalho com a linguagem na escola. Possíveis caminhos de uso de um material comumente renegado, por não se adequar a uma norma linguística padrão.

Entretanto, nossa intenção aqui não é a de oferecer um “plano de aula”, um roteiro a ser seguido ou uma receita. Pretendemos, apenas, indicar caminhos de reflexão que possam ser trilhados pelos interessados e que, dentro dos diferentes contextos, possam ser adaptados e utilizados por outros profissionais. Expusemos algumas análises que nos couberam quando as utilizamos; muitas outras, diferentes e igualmente produtivas, podem ser realizadas por outros professores em seus contextos. Não nos prestamos a fazer algo universal e imune a críticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Capas de jornais são gêneros textuais/discursivos com alto grau de complexidade de uso da linguagem. Quando pensamos em jornais populares, a carga semântica envolvida é ainda mais evidente, na tentativa de aproximação com a realidade dos leitores (CAMPOS, 2012, 2013).

O trabalho com a língua portuguesa na escola envolve diferentes questões que não apenas as gramaticais. É preciso ir além daquilo que apenas o léxico é capaz de apresentar,

é preciso aprofundar mais a investigação sobre os fatores que cooperam, na língua portuguesa, para a construção do sentido dos enunciados (ANTUNES, 2014).

Nossa intenção nessa pesquisa não é dar fórmulas e receitas para o trabalho – justamente por isso optamos por não “descrever” nenhuma atividade, mas apenas indicá-las a partir de seus princípios –, e sim despertar nos leitores a percepção do gênero textual capa de jornal como ferramenta semiótica para o trabalho nas aulas de língua portuguesa. Julgamos, portanto, ser mais importante levantar uma problematização e apontar possíveis caminhos do que, de fato, trilhar esse caminho e fazer dele o único possível. Esperamos que mais pesquisadores e professores possam identificar em nossa proposta uma possibilidade real de trabalho/pesquisa/discussão, continuando e aprofundando as temáticas aqui expostas. O caminho segue aberto.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé (2014). *Gramática contextualizada – limpando “o pó das ideias simples”*. Rio de Janeiro: Parábola.

BAKHTIN, Mikhail (2011). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.

CAMPOS, Rodrigo da Silva (2013). “Poda mal dada deixa o Rio no escuro”: um estudo discursivo sobre a construção de imagens de enunciador em manchetes dos jornais *Meia Hora* e *Expresso*. 27/03/2013. 107 páginas. Dissertação. UERJ.

DUBOIS, Jean et al (1973). *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Editora Cultrix.

_____ (2012). Marcas de subjetividade nas manchetes de um jornal popular: possíveis implicações para um perfil de leitor. In: *III Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional Discurso, Identidade e Sociedade*. Campinas. Dilemas e desafios na contemporaneidade. Campinas: Unicamp Editora.

HAWAD, Helena Feres (2012). *Ensinando gramática para o uso da língua materna*. Matruga, Rio de Janeiro, 19 (30).

HENRIQUES, Claudio Cezar (2011). *Léxico e Semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação*. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley (2005). *Semântica*. São Paulo: Ática

MAINGUENEAU, Dominique (2002). *Análise de Textos de Comunicação*. Cecília P de Souza-e-Silva e Décio Rocha (Trad.). – 3.ed. - São Paulo: Cortez.

MALÉVOLA. Produção de Robert Stromberg. Hollywood, EUA. 2014. 97 min.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola

POLTRONIERI, Ana Lucia; SIMÕES, Darcília Marindir Pinto; FREITAS, Maria Noêmi (2011). *Contribuição da Semiótica no Ensino & na Pesquisa*. Rio de Janeiro: Dialogarts

_____ (2012). *Linguagem, Códigos e Tecnologias: Estudos e Aplicações*. Rio de Janeiro: Dialogarts.

SILVA, Vera Lucia Paredes Pereira da (2012). *Gramática, uso da língua e ensino*. Rio de Janeiro: Matruga. 19 (30).

SIMÕES, Darcília Marindir Pinto (2011). *Diálogos Intersemióticos* Vol. II. Rio de Janeiro: Dialogarts.

Jefferson Evaristo do N. Silva é Doutorando em Letras Neolatinas e em Língua Portuguesa pela UERJ. Professor de Língua Portuguesa no IFF e

bolsista de doutorado do CNPq, atuando no ensino médio e no ensino superior. Tem publicações sobre Língua Portuguesa, Linguística Aplicada e Metodologia de ensino. E-mail: jeffersonpn@yahoo.com.br.

Fábio André C. Coelho é Doutor em Língua Portuguesa e mestre em Literatura Portuguesa pela UERJ. Professor de língua Portuguesa na UERJ. É autor de “Ensino de produção textual (Editora Contexto, 2016). E-mail:fabioandrecoelho@ig.com.br



Figura 1

AGORA TODO COLORIDO *9991 Loucas Meninos (EM), Crivellado (2013), Grande Rio de Janeiro (Bola), At 10 anos (Menos), História de segunda e terceira (8.882.000)

MEIA HORA DE NOTÍCIAS

PRÊMIO ESSO DE PRIMEIRA PÁGINA 2014

AUTOPEÇAS HOJE SÓ O GRANDE RIO. PEÇAO JORNALERO R\$ 1

meiahora.com O MAIS LIDO DO RIO* TERÇA-FEIRA, 12/05/2015 • ANO 10 • Nº 3.404

MARCAÇÃO HOMEM A HOMEM 03

BEIRA-MAR VEM AO RIO E VAI TER SEMPRE UM MACHO ATRÁS

Bandidão chega amanhã para julgamento por mortes em Bangu 1 e será vigiado por agentes penitenciários até se for ao banheiro



EMI CAXIAS 04



GRINGO BOM DE BOLA A CAMINHO DO MENGÃO

Colombiano Quintero, do Porto e parceiro de James na seleção, tá pertinho do Fla

COVARDIA 26



Flu

Maníaco diz que planejou assassinar Ibrahimovic

Garoto de 16 anos mata a namorada de 14 grávida

Figura 2



Figura 3

Recebido em 30 de maio de 2017.
Aprovado em 24 de julho de 2017.